

## 1. ANTES

A escrita destes ensaios é o resultado de um extenso período de vida e contato com os textos, peças, encenações, encontros, leituras da obra de Samuel Beckett. Ao longo de muito tempo, as leituras cresceram e se desdobraram – algumas envelheceram. Desde a



minha monografia de graduação, em 1993, que escrevo sobre Beckett.

Este autor singular parece combinar qualidades humanas e artísticas que me mobilizam pela intensidade, rigor, paixão, humor e simplicidade com que viveu a sua arte.

A leitura de Beckett foi e é motor artístico, crítico, que estimula meu pensamento de uma forma incondicional, tornando-se um Intercessor – nos termos da filosofia de Gilles Deleuze –, *sine qua non* para minha formação e pensamento sobre o mundo e as artes.

Os ensaios se distribuem como sons, eles não têm uma linha. Como o título deste trabalho alude, seu caráter material se relaciona com as particularidades sonoras de vozes e reflexões que vão e voltam, como ecos, que vibram e impactam

como ressonâncias que nos atingem fisicamente, em nossos corpos, percepções, alterando permanentemente o pensamento. A escrita, mesmo o “ensaio mobile”, incondicionalmente se transforma em documento – mas marca este instante. Estes ensaios são a marca instantânea das vibrações que o meu pensamento foi capaz de registrar em escrita agora.

O primeiro ensaio, [GRÃO], indaga sobre as temporalidades e pensamentos sobre o tempo em relação à obra de Beckett, os rebatimentos entre os tempos, novas formulações de tempos e temporalidades. No texto, com visadas múltiplas – que constituem facetas da minha formação entre a arte, teatro, a história da arte, literatura e

a filosofia –, traço diálogos com argumentos que discutem pós-modernidade, presentismo e o estatuto da contemporaneidade.

No segundo ensaio, [PEDRAS NOS BOLSOS], o título brinca com uma sobreposição de imagens do pensamento de Beckett e de Deleuze: em *Molloy* o personagem cria um método lógico para ações ilógicas, tirando pedras de um bolso, chupando-as e pondo em outro bolso; e, em um texto de Deleuze sobre os Intercessores, ele nos diz que o próprio ato de selecionar objetos de interesses e os colocar – como que – em um saco, sacola, já faz parte do pensamento, da filosofia. Pensar com Intercessores, pensar “entre”, é o que o nosso texto pretende. Assim, aproveito o ensejo de Deleuze ter tratado das peças de Beckett para televisão para pensar junto COM Deleuze e Beckett.

Seguimos com o terceiro e último ensaio, o enigmático [W/W], que poderia ser [M/M] ou [M/W] ou ainda [W/M], porque são letras que se transformam em grafismos, ou iniciais de muitos – todos – nomes. Este ensaio ruma para o oeste, rumo à America, atento à forma como as peças e textos de Beckett foram encenados, e como esta experiência ressoa na própria criação de Beckett, através das colaborações com o diretor Alan Schneider e com os artistas do Mabou Mines Group: surge o diretor Samuel Beckett. Revisito em especial encenações de *Not I* e *Rockaby* de Schneider, e *The Lost Ones*, *Company* e *Worsward Ho*.

Aos ensaios adiciono dois exercícios de tradução: *Ping* e *Cascando*.

Então, com este “ato de escrita” procuro esvaziar meus bolsos com algumas das minhas pedras chupadas, melhor ou pior, mas todas aqui foram colocadas na boca, saboreadas, guardadas, gastas, lambidas, babadas enfim.

Por se tratar de um escritor bilíngue, acabamos por ter ensaios trilíngues, seguindo a lógica de citar o autor sempre com o texto original em que foi escrito. Retomo assim, em alguma medida, a experiência tão cara a Beckett de estar entre línguas. Crio assim algum constrangimento, ou alguma dificuldade, mas que poderá ser repensada se estes ensaios tiverem uma pretensão a alcançar outros pesquisadores, pensadores e leitores afins e interessados na obra de Samuel Beckett.

Não vou mais detê-los com meus rapapés.